VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA
UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS: SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS
04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

ESCRITA DE SI COMO ESCRITA DAS OUTRAS: UM ENCONTRO ENTRE CAROLINA MARIA DE JESUS E ROSE DUSREIS DE "INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES"

Carla Giovana Souza Alves[1]

Profª Drª Zoraide Portela Silva[2]

Resumo: As escrevivências transcendem a narrativa autobiográfica; elas representam um mergulho profundo nas experiências individuais e coletivas das mulheres negras, uma busca por expressão e identidade em um mundo que frequentemente as relega à invisibilidade. Esse estudo faz parte de um projeto de Iniciação Científica e aqui exploraremos o conceito das escrevivências – termo criado pela renomada escritora brasileira Conceição Evaristo – por meio da análise das narrativas "Casa de Alvenaria" vol.1, de Carolina Maria de Jesus, e "Insubmissas lágrimas de mulheres", livro de Conceição Evaristo, com foco no conto "Rose Dusreis", não com intuito comparativo, mas sim de propor um diálogo entre elas. Com essa pesquisa, para além da valorização da literatura feminina negra, temos como objetivo argumentar sobre a importância da escrevivência como instrumento de resistência contra a discriminação racial e do fortalecimento da identidade das mulheres negras, fazendo uso das narrativas de Carolina e Dusreis como exemplo dessa influência e oferecendo uma visão sobre a luta por visibilidade e igualdade.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Escrevivências; Literatura afro-brasileira; literatura afro-feminina.

Abstract: The *escrevivências* transcend autobiographical narrative, they represent a deep dive into the individual and collective experiences of black women, a quest for expression and identity in a world that often relegates them to invisibility. In this study, we will explore the concept of *escrevivências* - a term coined by the renowned Brazilian writer Conceição Evaristo - through the analysis of the narratives "Casa de Alvenaria" volume 1, by Carolina Maria de Jesus, and "Insubmissas Lágrimas de Mulheres", a book by Conceição Evaristo, especially the short story "Rose Dusreis", not for pointing out similarities and differences, but for proposing a dialogue between them. Through this research, beyond the appreciation of black women's literature, we

[1] Graduanda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VI -5° semestre. E-mail: alvesbkcarla@gmail.com

[2] Doutorado em Estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professora do Departamento de Ciências Humanas (DCH/VI) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: zoraideportelas@gmail.com

aim to argue about the importance of *escrevivência* as a tool of resistance against racial discrimination and in strengthening the identity of black women, using the narratives of Carolina and Dusreis as examples of this influence and offering a perspective on the struggle for visibility and equality.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; *Escrevivências*; Afro-Brazilian literature; Afro-feminine literature.

Introdução

Neste estudo, discutiremos o conceito de escrevivências, veículo poderoso para representação e reivindicação de identidade nas narrativas femininas negras. Este estudo propõe explorar a noção de “escrevivências”, termo cunhado pela renomada escritora Conceição Evaristo, em diálogo com as experiências das narrativas de Carolina Maria de Jesus e a personagem feminina Rose Dusreis de Evaristo em “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”.

Em um contexto em que as mulheres negras ainda são relegadas à invisibilidade social e literária, a escrita de si se torna uma ferramenta poderosa de resistência e empoderamento, oferecendo uma voz autêntica e um meio de expressão para suas vivências. Ao examinarmos “Casa de Alvenaria” de Carolina Maria de Jesus e “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” de Conceição Evaristo, buscamos destacar a importância desses romances como espaços de encontro e afirmação da identidade feminina negra.

Metodologia

Optamos por uma abordagem qualitativa, que nos permite uma análise mais aprofundada das experiências vividas pelas figuras femininas aqui destacadas. Para tanto, nosso corpus de estudo compreenderá as obras "Casa de Alvenaria" vol.1, de Carolina Maria de Jesus, e "Insubmissas Lágrimas de Mulheres", de Conceição Evaristo. Além disso, recorreremos a análises bibliográficas, consultando fontes como livros e artigos que enriquecerão nosso estudo. Utilizaremos as teorias de Ricardo Ferreira e Amilton Camargo (2011) sobre a construção da identidade negra, bem como as concepções de escrevivências desenvolvidas por Conceição Evaristo.

A Escrita de Si como Escrita das Outras

Na vasta paisagem da literatura brasileira, um conceito emerge como uma luz guia, iluminando os caminhos da expressão literária: escrevivências. Uma palavra cunhada pela escritora mineira Conceição Evaristo para descrever a união entre a escrita e as vivências da mulher negra no Brasil. No campo literário, as mulheres negras enfrentaram e enfrentam uma série de desafios, reflexo das complexidades históricas, sociais e estruturais que permeiam suas experiências. Alguns deles são a invisibilidade e sub-representação, que faz com que suas vozes e vivências sejam marginalizadas e frequentemente negligenciadas em favor de narrativas dominantes, muitas vezes brancas e masculinas. Além disso, essas mulheres são carregadas por estereótipos sexistas e reduzidas a papeis secundários e simplistas, que não capturam a riqueza e complexidade de suas identidades.

É notório, ao observar obras consideradas como cânones literários, a ausência de espaço para a literatura afro-brasileira, visto que os considerados clássicos são, em sua grande maioria, atribuídos a homens brancos. Ao longo da história, muitas mulheres escreveram em segredo, usando pseudônimos, escondendo-se por trás de um nome masculino para que fossem lidas e, principalmente, não fossem punidas por estarem escrevendo. As mulheres negras, lamentavelmente, possuem um duplo obstáculo a ser atravessado para serem vistas e reconhecidas: não sofrem somente da exclusão devido ao gênero, mas também à cor de sua pele.

Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus, negra, catadora de papel e de pouca escolaridade ousa escrever, ela se expõe à possibilidade de suas palavras deixarem de ser arte, expressão e denúncia, para serem interpretadas como rebeldia e desordem. Sobre isso, Spivak (2010) aponta: “Se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero. [...] O subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (p.14-15). Todavia, a escritora não se importava com o que diziam a respeito de seus escritos, pelo contrário, exortava aos que viviam em situação de descaso por parte das autoridades que escrevessem sobre suas vivências, dizia que “Temos que escrever a realidade. Se o povo é feliz ou infeliz” (Jesus, 2021, p. 160). Carolina “representou a si mesma com veracidade, declarando seus anseios, angústias, desejos, medos da forma mais real e possível dentro de seus limites e conhecimento” (Toledo, 2010).

Em “Insubmissas lágrimas de mulheres”, no prólogo que antecede os treze contos escritos por Conceição Evaristo, a autora revela que as histórias narradas pelas personagens não são dela, mas que a pertencem à medida que se confundem com as suas. É nesse momento que as memórias saem do plano individual para o plano coletivo, ou seja, a escrita de uma torna-se escrita de outras.

> [...] a Escrevivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrevivência já demande outra leitura. Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (Evaristo, 2020, p. 38)

Em sua essência, a escrevivência “se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado” (Evaristo, 2020, p. 30). Sob essa perspectiva, Carolina Maria de Jesus, ao relatar os seus dias em diários, já não falava apenas de si, mas de todos os esquecidos, oprimidos, silenciados, deixados à margem da sociedade. Sua história já não era apenas sua, por isso, podemos afirmar que se trata de uma escrevivência.

Um encontro entre Carolina Maria de Jesus e Rose Dusreis

Rose Dusreis é uma das treze protagonistas negras do livro de contos “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” da autoria de Conceição Evaristo. Ela ousou sonhar em meio a tanta resistência, ousou reivindicar espaços que muitas vezes foram negados para mulheres como ela, negra e de origem humilde. Rose Dusreis sonhava desde criança em ser bailarina e participou de algumas aulas de balé que sua mãe pagava com serviços de lavadeira, até o dia em que sua professora lhe diz que ela não possui o físico adequado para o balé. Rose era apenas uma criança de oito anos. Em um segundo episódio, uma professora convida Dusreis para encarnar o personagem de uma bonequinha preta que cantava e dançava, em uma festa que ocorreria na escola em que estudava. No dia da apresentação, a garotinha foi substituída por uma menina branca pintada de preto. Todavia, Rose não desistiu; fez muitos cursos e se profissionalizou em diversos tipos de dança.

O fio que liga Rose Dusreis a Carolina Maria de Jesus é justamente a reivindicação de um espaço negado a elas: Dusreis no ramo da dança e Carolina no campo da literatura. Em “Casa de Alvenaria – Vol 1”, Carolina revela que a

professora de seu filho João havia lhe dito que sua mãe não era escritora. Vale ressaltar que naquele período o livro “Quarto de Despejo” era um sucesso absoluto.

> Quando os jornaes começou relatar que eu sou escritora. A Dona Nene começou a dizer ao meu filho na classe, que eu sou doméstica e não escritora, e as outras crianças criticava-me para o meu filho que eu sou doméstica e não ia escrever coisa alguma. (Jesus, 2021, p. 46)

Isso acontece porque “no imaginário coletivo, a mulher negra está associada ao desempenho de atividades de empregada doméstica, como se essa fosse uma associação natural” (Ferreira; Camargo, 2011). Por esse motivo, a presença de mulheres negras em posições de prestígio gera adversidades, pois desorganiza o sistema social excludente e discriminatório que, lamentavelmente, ainda impera. Quando Carolina e Dusreis narram suas histórias, apresentam a possibilidade de atravessar esses impasses, encorajam outras mulheres a agir.

Evaristo, ao criar o termo escrevivência, pensou em suas ancestrais que contavam histórias para os filhos de seus senhores dormirem na chamada “casa grande”, que representava, justamente, um espaço no qual participavam apenas como figurantes, servos. A literata propõe que o ato das mulheres negras de contar histórias seja convertido em contar suas próprias histórias, não mais “para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2007, p. 21). A atual “casa grande” é a sociedade como um todo, que ainda insiste em colocar a figura do negro em posição de inferioridade, mas cada vez mais surgem vozes que ecoam contra esse sistema, que reivindicam seus direitos com ousadia: surgem mulheres como Carolina que se orgulham de quem são, estão dispostas a manter a cabeça sempre erguida e a falar, destemidas.

Considerações Finais

Esta pesquisa, ainda em desenvolvimento, pode fomentar novos debates e investigações que ampliem nosso entendimento da escrita de si e das experiências das mulheres negras na literatura brasileira. Abre-se um vasto leque de possibilidades para pesquisas futuras, questões relacionadas ao estilo da escrita e reflexões acerca do cânone literário. Ao continuar explorando essa temática, esperamos alcançar uma compreensão mais abrangente e inclusiva da riqueza das

vozes femininas negras de nosso país. A partir desta investigação preliminar, podemos vislumbrar a grandiosidade das escrevivências como uma estratégia a ser utilizada pelas mulheres negras para contar suas histórias e afirmar sua identidade: é um fio dourado envolto em ancestralidade e desejo de igualdade que abraça as figuras femininas afro-brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVARISTO, Conceição. Escrevivência: a escrita de nós. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Orgs.). **Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

_____. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). **Representações performáticas brasileiras:** teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [*S.l.*], v. 31, n. 2, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/CppZVmLfcpHtFr7WCNPgpGq/abstract/?lang=pt. Acesso em: 20 abr. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria – Volume 1**. Osasco, SP: Companhia das Letras, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus**: a escrita de si. Letrônica, v. 3, n. 1, p. 247-257, 2010. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7066. Acesso em: 5 mai. 2024.